



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA



Thaisa Domingos de Pontes

**A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UM CAMPO DE ATUAÇÃO DO
PSICOPEDAGOGO: a rotina do berçário e seus desdobramentos**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Norma Maria de Lima

João Pessoa

2016

THAISA DOMINGOS DE PONTES

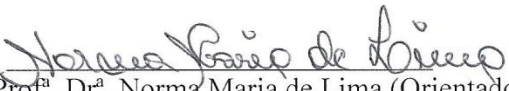
**A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UM CAMPO DE ATUAÇÃO DO
PSICOPEDAGOGO: a rotina do berçário e seus desdobramentos**

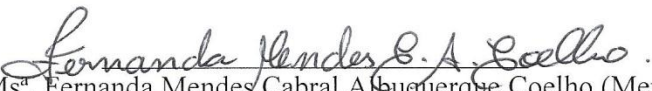
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Norma Maria de Lima

Aprovado em: 10 / 06 / 2016

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Norma Maria de Lima (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof^o. Ms^a. Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UM CAMPO DE ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO: a rotina do berçário e seus desdobramentos

Resumo: O presente estudo partiu do interesse de explorar campos que possibilitem a atuação do profissional psicopedagogo. A Educação Infantil foi o foco devido ao fator dos primeiros anos de vida serem extremamente importantes para qualquer indivíduo, como também é necessário ter um olhar sensível a essa faixa-etária. Diante do exposto o objetivo principal do estudo foi: analisar o berçário como um campo de atuação para a psicopedagogia. A metodologia aplicada foi uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, na qual foram explorados materiais tanto eletrônicos quanto livros que abordassem a temática, em um segundo momento realizou-se uma pesquisa descritiva. O estudo inicia-se com um breve relato histórico da Educação Infantil, bem como seus avanços. A narração da rotina no berçário é imprescindível para a compreensão das nuances do mesmo, bem como um cuidado com a adaptação e as propostas de estímulos a serem executados. É interessante ressaltar a importância do psicopedagogo no berçário, como um agente facilitador de conhecimento, fazendo com que a criança seja um ator do seu próprio desenvolvimento, ativo, explorador e autônomo. Possibilitando uma sintonia holística de desenvolvimento motor, social, intelectual e emocional.

Palavras-chave: Berçário. Psicopedagogia. Rotina

1 INTRODUÇÃO

Ao escutar a palavra criança já vem em mente elementos que compõem o universo infantil, toda doçura, toda descoberta e toda inocência. Esse pensamento romântico á respeito da infância nem sempre foi perceptível. A criança foi sendo reconhecida como um ser em sua especificidade, totalidade, necessitada de cuidados e atenção a passos lentos diante da história, dessa maneira a educação não podia caminhar em um compasso diferente.

Abreu (2005), já fez a constatação que colocar em discussão aspectos históricos, políticos e sociais, concernentes a temas como infância, criança e Educação Infantil, direcionando o olhar para o contexto brasileiro é, sobretudo, dar ênfase a lutas forjadas historicamente em favor da infância.

Desde o surgimento da palavra creche de origem francesa que significa manjedoura, engatinhando no capitalismo, na luta das mulheres por melhores condições para seus filhos, no êxodo rural, no governo militar, na ascensão do jardim da infância, os passos ainda inseguros na Constituição de 1988 até a concretização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs 2009).

Depois de tanto caminhar a Educação Infantil ainda é alvo de discussões para maiores melhorias. Uma Instituição para crianças pode ser denominada nas palavras de Fernandes e Elali (2008) no qual defendem que os espaços educacionais devem favorecer o desenvolvimento e aprendizado das crianças, e para que isso aconteça é necessário que a criança não seja limitada, nem por barreiras espaciais nem pelas limitações da equipe pedagógica. Desse tal modo as crianças aprendem a lidar com normas, rotinas e conviver em sociedade. As autoras destacam que é um grande desafio tanto dos berçários, quanto dos gestores e familiares, propiciarem a organização desses espaços que facilitem e propiciem experiências afetivas sociais e cognitivas.

A evolução da creche faz a mesma assumir um papel não somente assistencialista e o pedagógico ganha espaço e destaque. Segundo Piaget (1988), falar em direito à educação é, em primeiro lugar, reconhecer o papel indispensável dos fatores sociais na própria formação do indivíduo. A educação é condição necessária ao desenvolvimento natural infantil, pois a criança não poderia adquirir suas estruturas mentais mais essenciais sem uma contribuição exterior.

Refletindo sobre o novo formato de berçário como um ambiente de desenvolvimento e aprendizagem constante, consciente de que o psicopedagogo é um profissional interventivo e necessário em todas as idades primordialmente nas iniciais para futuros levantamentos de

hipóteses, é de suma importância analisar o berçário como um campo de atuação ativa do psicopedagogo, bem como: pontuar a colaboração desse profissional diante da rotina de um berçário, apresentar os benefícios de estímulos direcionados para os aspectos, motor, emocional e cognitivo, bem como de aspectos necessários para tornar o berçário um ambiente acolhedor e agradável.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE RELATO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA CRECHE E DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil sempre foi foco em fóruns, debates, discussões acadêmicas, visando melhorias que viabilizem um cenário apropriado e direcionado para crianças pequenas.

Para uma melhor compreensão sobre a entidade que beneficia crianças de variadas idades, denominada creche, faz-se necessário apresentar um breve relato histórico a cerca de sua concepção. Abramowicz (1995), explica que a palavra creche, de origem francesa, significa "manjedoura" e foi utilizada para designar a primeira instituição criada há mais de duzentos anos, pelo Padre Oberlin na França, para guardar e abrigar crianças pequenas consideradas necessitadas pela sociedade da época.

No Brasil, em meados do século XX, o capitalismo, o êxodo rural, o crescimento de operários, o surgimento da inserção da mulher no mercado de trabalho e a urbanização, fizeram surgir à concepção da creche necessária e fazendo parte das políticas públicas.

Para Oliveira (1992.p.18),

Na década de 20, os operários começam a se organizar nos centros urbanos mais industrializados do país e protestaram contra as precárias condições de vida e trabalho a que eram submetidos. No campo de forças entre as classes, encontram-se a instituição creche: de um lado os operários reivindicam, entre outras coisas, creches para seus filhos, de outro lado os donas das indústrias, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também algumas creches e escolas maternas para os filhos dos operários.

No ano de 1943, o Presidente do Brasil Getúlio Vargas cria a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), no qual foi designada a obrigatoriedade de creches no país, obrigatoriedade essa restrita as empresas privadas que empreguem mão-de-obra feminina em idade fértil, e extensiva apenas a seus filhos até seis meses de idade. (ROSEMBERG, 1989).

É notório o descaso histórico com a imagem infantil. A preocupação assistencialista era marcante, porém não era visto um real interesse para a discussão das necessidades infantis. Esse desinteresse pela infância pode ser visto nos estudos de Sarmiento (2007), no qual o autor relata a idade da não infância destacando o processo que reconhece a criança como um adulto em miniatura, sendo um sujeito passivo socialmente.

A instituição creche posteriormente ao ano de 1964 sofre um novo formato com o governo militar. A creche passa a ser vista como um favor social para famílias e crianças mais pobres, intensificando ainda mais o caráter assistencialista e não educacional.

Na década de 70 surge um modelo privado no setor pré-escolar, atraindo as classes mais favorecidas. A denominação jardim da infância surge em contrapartida à creche já que a nomeação creche era voltada aos mais pobres. Esse modelo de escola jardim da infância expandiu-se com a promessa de uma valorização mais pedagógica do que de assistência.

Segundo Haddad (1991), a questão da creche avançou muito no Brasil nos últimos anos. Vários setores da sociedade (grupos ligados aos movimentos populares, representantes dos Conselhos da Condição Feminina, a comunidade acadêmica, profissionais que atuam nos programas pré-escolares) passaram a reivindicar creches e pré-escolas como um direito à educação das crianças de todas as camadas sociais.

A Constituição brasileira de 1988 foi um marco de avanço para a instituição creche, no qual impôs ao Estado a efetivação da garantia do atendimento em creches e pré-escolas das crianças de 0 à 6 anos, passando assim a ser subordinada à área de educação. Na sequência são aprovadas as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (BRASIL, 1998), estas sim, de caráter obrigatório.

2.2 DO COLINHO Á INFÂNCIA: a rotina de um berçário nos dias atuais

Mesmo diante de evoluções históricas é perceptível ao estudar o mercado de creches e (ou) berçários notar que a conduta caracteriza-se de um novo formato. É notório que antes a

instituição assistencialista creche ganha uma preocupação pedagógica e ouvir nomenclaturas como atividades lúdicas, estímulos e planejamento já são mais comuns.

Atividades recreativas realizadas com intencionalidade e planejamento podem ao mesmo tempo serem pedagógicas, dada a importância das brincadeiras e do lúdico para o desenvolvimento infantil e estas por sua vez constituem especificidades da Educação Infantil em seu caráter mais elementar, qual seja a necessária articulação entre o binômio educar cuidar e a brincadeira (SAMBRANO, TRINDADE e TANUS, 2012).

A rotina é importante para a organização sequencial tanto da creche quanto das próprias crianças, porém a mesma não deve ser considerada como a atividade principal da creche. Segundo Oliveira (1992), o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias, a rotina é útil para orientar as crianças a perceberem a relação espaço-tempo, podendo aos poucos prever o funcionamento dos horários da creche. Contudo, o acontecer de coisas novas, inesperadas, é fundamental para a ampliação das experiências infantis.

Tratando-se de idades iniciais da educação infantil é necessário pensar em uma rotina flexível que possibilite mudanças que contribuam com o bem-estar, seja interessante e direcionada. Outro fator importante na construção de uma rotina é a possibilidade de acrescentar autonomia ao indivíduo.

Para Freire (1997, p. 59)

O respeito á autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão.

Os desenvolvimentos da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias (BRASIL, 1998).

2.3 PRIMEIROS PASSOS: acolhimento institucional

A escola é o segundo meio social da criança depois da família. Até a inserção da criança na escola é natural que o único vínculo afetivo e social tenha sido o familiar. Independente da idade da criança é esperado que a mesma já tenha uma bagagem de hábitos

que agora serão apresentados na escola. Corroborando com essa ideia de bagagem Vigotski (2010) assinala que a criança projeta-se nas atividades adultas de uma cultura e ensaia seus futuros papéis e valores, começa a adquirir as atitudes necessárias a sua participação social.

Veríssimo e Serpa da Fonseca (2003) ficham pontos do processo de adaptação em berçários que geram ações de assistência à criança e à família: 1) fase de conhecimento berçário, família e criança, através de entrevistas, reuniões e exames de saúde. 2) escolha de uma educadora de referência responsável para acompanhar mais a criança. 3) presença de um membro da família com a criança até que a mesma se sinta segura.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI 2009), os pais devem ter acesso a: filosofia e concepção de como se desenvolvem os trabalhos das instituições, informações relativas ao quadro de pessoal, com as qualificações e experiências de cada um deles, informações relativas à estrutura e funcionamento da creche, condutas e procedimentos em caso de emergência e problema, assim como, os profissionais da creche devem partilhar com as famílias, conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e informações relevantes sobre cada uma das crianças, utilizando uma sistemática de comunicação eficiente e eficaz.

Kramer (2007) afirma que a formação dos profissionais da educação infantil precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de as crianças aprenderem com a história vivida e narrada pelos mais velhos. O contexto leva a reflexão do respeito ao acolhimento da criança bem como seus costumes e hábitos trazidos do ambiente familiar.

A prioridade na adaptação de uma criança em uma instituição não é o tempo que ela deve ser feita, até porque é necessário considerar o tempo de cada criança, mas sim o afeto demonstrado pelos envolvidos. De acordo com Duarte e Gulassa (2012), devemos entender o afeto aqui como a capacidade de afetar o outro, contagiando-o para o atendimento a uma solicitação.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil RCNEI (1998), a atmosfera criada nos ambientes de ensino de crianças pequenas deve proporcionar tranquilidade, segurança e alegria, contribuindo assim, para um bom desenvolvimento.

Adultos amigáveis, que escutam as necessidades das crianças e, com afeto, atendem a elas constituem-se em um primeiro passo para criar um bom clima. As crianças precisam ser respeitadas em suas diferenças individuais, ajudadas em seus conflitos por adultos que sabem sobre seu comportamento, entendem suas frustrações, possibilitando-lhes limites claros. Os adultos devem respeitar o desenvolvimento das crianças e encorajá-las em sua curiosidade, valorizando seus esforços (BRASIL, 1998).

Um bom acolhimento envolve diretamente o prazer pelo que se faz, segundo Freire (1997) é preciso amorosidade aos seus alunos e ao seu próprio trabalho. São necessárias pessoas dispostas e comprometidas para acolher com afeto e tranquilidade.

Moss (2005) colabora com o fundamento que uma escola infantil que entende a criança pequena a partir dessas peculiaridades, deve ser espaço onde haja provocação a pensamento crítico, ao deslumbramento, à curiosidade, à diversão, de forma que o aprendizado aconteça através da interação entre as crianças e das crianças com os adultos.

2.4 ESTÍMULOS LÚDICOS DIRECIONADOS NA CRECHE: motor, emocional e cognitivo

A brincadeira é uma atividade voluntária e consciente. Tratando-se de estímulos que possibilitem a aprendizagem de crianças pequenas, não tem como desassociar o aprender do lúdico. É através da brincadeira que a criança representa o discurso externo e o interioriza construindo o seu próprio pensamento, desenvolvendo assim suas potencialidades.

É importante, assim, compreender o lúdico como uma forma de expressão humana, ou seja, como linguagem humana, possibilitando a expressão do sujeito criador que é capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo (DEBORTOLI, 2002). Essa expressão do sujeito caracteriza o lúdico pelo prazer, liberdade, ocorrendo em todos os momentos da vida, seja no lazer, no trabalho, na família, na escola, entre outras.

Partindo da perspectiva de um sujeito constituído de forma integral, Mahoney (2012) elenca alguns pressupostos que constituem a teoria Walloniana, no qual podem ser destacados: 1) a pessoa está continuamente em processo, ou seja, existe um movimento contínuo de mudanças, de transformações desde o início até o fim da vida e os resultados dessas mudanças podem ser observados externamente e internamente, sendo que neste último, esse processo se caracteriza como um jogo de forças e de tensões entre os conjuntos motor, afetivo e cognitivo. 2) em cada instante desse processo a pessoa é uma totalidade um conjunto resultante da integração dos conjuntos motor, afetivo e cognitivo.

Acreditando na totalidade do indivíduo composto pelos pilares motor, cognitivo e afetivo e na ludicidade como combustível de prazer para a aprendizagem e desenvolvimento. Para Wallon (1978) o ato mental projeta-se em atos motores, ou seja, ele é um dos canais de

projeção do pensamento. O gesto antecipa a palavra e a criança é incapaz de imaginar sem representar.

O âmbito cognitivo dispõe das funções responsáveis pela aquisição da transformação e pela manutenção do conhecimento tendo como suporte as influências do meio social. Almeida (2010), afirma que a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar os seres e as coisas.

Vygotsky (2010, p. 43) destaca que,

A criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala. Como resultado, o imediatismo da percepção natural é suplantado por um complexo de mediação; a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.

No aspecto afetivo e nas interações sociais, Campos de Carvalho (1993), afirma que as interações entre crianças são tão importantes quanto às interações adulto/criança para o desenvolvimento infantil e tal perspectiva suscita questões sobre como o ambiente e o espaço podem facilitar ou dificultar a ocorrência de interações, especialmente entre crianças em ambientes educacionais coletivos como são as creches.

Cohn (2005) ressalta que as crianças como atuante social, fazem, pensam e desenvolvem relações estabelecidas com os colegas, professores e outros profissionais. Tornando assim a aprendizagem muito enriquecedora para melhor compreender as escolas e a pedagogia.

2.5 A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL ATUANTE NO CAMPO CRECHE E (OU) BERÇÁRIO.

A Psicopedagogia institucional tem um papel crucial na ação preventiva, pois as crianças que não são entendidas em suas dificuldades iniciais poderão bloquear a aprendizagem e possivelmente necessitarão de atendimento clínico. Segundo Fernández (1990) a criança ou adolescente que chega para atendimento clínico com queixa de fracasso na aprendizagem, provavelmente não recebeu a atenção devida quanto à problemática apresentada e, dificilmente lhe foi dada a oportunidade de expressar seus sentimentos.

Para que um trabalho psicopedagógico tenha sucesso, o profissional deverá considerar os aspectos físicos, emocionais, psicológicos e sociais do indivíduo. Bossa (1999), destaca algumas contribuições do psicopedagogo na instituição como: auxiliar o professor e demais profissionais nas questões pedagógicas e psicopedagógicas; orientar os pais; colaborar com a

direção para que haja um bom entrosamento entre todos os integrantes da instituição e, principalmente, ajudar o aluno que esteja sofrendo, por qualquer que seja a causa.

Acrescentando esse pensamento Pichon-Rivière (1995) defende que o aprendizado em grupo implica em uma relação dinâmica e dialética do homem no contexto social, considerando o homem um ser cujas necessidades são satisfeitas socialmente. Assim, o aprendizado depende do “outro”, das relações estabelecidas entre esse “outro” e o ambiente. Para aprender, é necessário tornar explícito o implícito – medos, vínculos internos. Podendo com essa linha de raciocínio, o psicopedagogo também pode promover situações de aprendizagem significativa, já que a criança não depende apenas do biológico na construção do conhecimento, como também do social.

3 METODOLOGIA

O presente estudo tem como estratégia metodológica no primeiro momento a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e no segundo momento uma intervenção. No primeiro momento foram levantados os seguintes pontos para a sua realização: 1. Pesquisa Bibliográfica sobre a temática de interesse 2. Revisão Crítica de Literatura 3. Acesso a Bibliografia 4. Pesquisa Bibliográfica na Prática 5. Ficha Bibliográfica 6. Citação de Referências Bibliográficas. Foram elementos chaves para um diálogo de pesquisa alguns estudiosos como: Bossa, Freire, Oliveira, Piaget, Vygotsky, Wallon entre outros. O acervo utilizado para a construção do trabalho foi tanto eletrônico (Periódicos do Capes, Scielo, revistas científicas), quanto manual como livros e acesso em bibliotecas.

No segundo momento, Gil (1991) e Vergara (1997) destacam que existem duas categorias para a metodologia usada na pesquisa, quanto aos fins e quanto aos meios. Em nosso estudo quanto aos fins a pesquisa é exploratória e descritiva. Exploratória, porque embora a creche seja uma instituição educacional, não se verificou a existência de estudos que abordem a ação psicopedagógica em sua rotina e as contribuições desse profissional no processo educativo das crianças pequenas, bem como sobre o seu desempenho. Ela é caracterizada como um estudo Descritivo, porque visa descrever as percepções dos profissionais da instituição com relação a ação do psicopedagogo na educação das crianças por meio da observação participativa, sem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, mas pode servir de

base para sua explicação.

3.1 PARTICIPANTES:

Para realização da pesquisa contou-se com a participação da equipe de profissionais da creche composta por uma (1) coordenação pedagógica, uma (1) psicóloga, uma (1) psicopedagoga, uma (1) pedagoga e uma (1) nutricionista atuantes na instituição e uma (1) turma de crianças (15) de dois (2) anos de idade.

3.2 INSTRUMENTOS:

Para realização da pesquisa os instrumentos utilizados foram o cronograma de rotina da turma de crianças com dois (2) anos de idade com o intuito de planejar as ações a serem aplicadas na intervenção. E o bloco de anotações das observações realizadas.

3.3 PROCEDIMENTO

Após aprovação da instituição locus desse estudo, do Conselho de Ética e dos participantes os trabalhos foram iniciados. Foi apresentado o projeto a instituição escolhida privadas e/ou públicas a fim de solicitar a autorização para a coleta dos dados. Após a concordância da creche, os educadores foram convidados a participar da pesquisa colaborando com o desenvolvimento das etapas de observação , elaboração do cronograma de da rotina, planejamento e acompanhamento da execução da intervenção. Inicialmente foi informado à voluntariedade da participação de todos, o caráter anônimo e confidencial de todas as informações coletadas. Após todos concordarem com a participação no estudo, os assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS. Após explicar todas as dúvidas surgidas foi informado que os dados coletados ou resultados ficará disponível para os interessados.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram tratados através da análise descritiva, seguindo a perspectiva de Bogan e Biklen (apud LUDKE; ANDRÉ, 1982), que envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto que se preocupa em relatar a perspectiva dos participantes. Todos os dados obtidos através do presente estudo e procedimento já relacionados foram sistematicamente organizado e devidamente analisados de maneira qualitativa, nos possibilitando verificar a importância da Educação Infantil como um campo de atuação do psicopedagogo na rotina do berçário e seus desdobramentos, bem como a opinião e conhecimento dos demais profissionais acerca da atuação do psicopedagogo no berçário em sua prática diária.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa apresentada teve como objetivo geral apontar o berçário como um campo de atuação ativo do psicopedagogo. Foram desenvolvidos na prática alguns pontos de contribuição da psicopedagogia para com o berçário.

Figura 1 – Tabela Rotina Berçário. Turma Infantil 2

HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7h30	VILA	PARQUE EXTENSÃO	VILA	PARQUE EXTENSÃO	QUADRA
8h00	Acolhida diária	Acolhida diária	Acolhida diária	Acolhida diária	Acolhida diária
8h30	Literatura/ SALA DE LEITURA	GASTRONOMIA	EDUCAÇÃO FINANCEIRA/HORTA E JARDINAGEM	Matemática	LINGUAGEM
9h	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
9h30	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS
10h	PSICOMOTRICIDADE	ORIENTAÇÕES DA ATIVIDADE DE CASA	ORIENTAÇÕES DA ATIVIDADE DE CASA	ORIENTAÇÕES DA ATIVIDADE DE CASA	ORIENTAÇÕES DA ATIVIDADE DE CASA
10h30	BANHO	BANHO	BANHO	BANHO	MUSICALIZAÇÃO
11h	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO	RELAXAMENTO
11h30	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
12h00	SONO	SONO	SONO	SONO	SONO
13h30	Acolhida	Acolhida	Acolhida	Acolhida	Acolhida
14h00	Linguagem	Raciocínio lógico	GASTRONOMIA	Literatura/ SALA DE LEITURA	NATUREZA E SOCIEDADE
15h	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
15h30	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS	INGLÊS
16h00	MUSICALIZAÇÃO/BANHO	BANHO	BANHO	BANHO	BANHO
16h30	PSICOMOTRICIDADE	VILA	PARQUE EXTENSÃO	VILA	PARQUE EXTENSÃO
17h30	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR

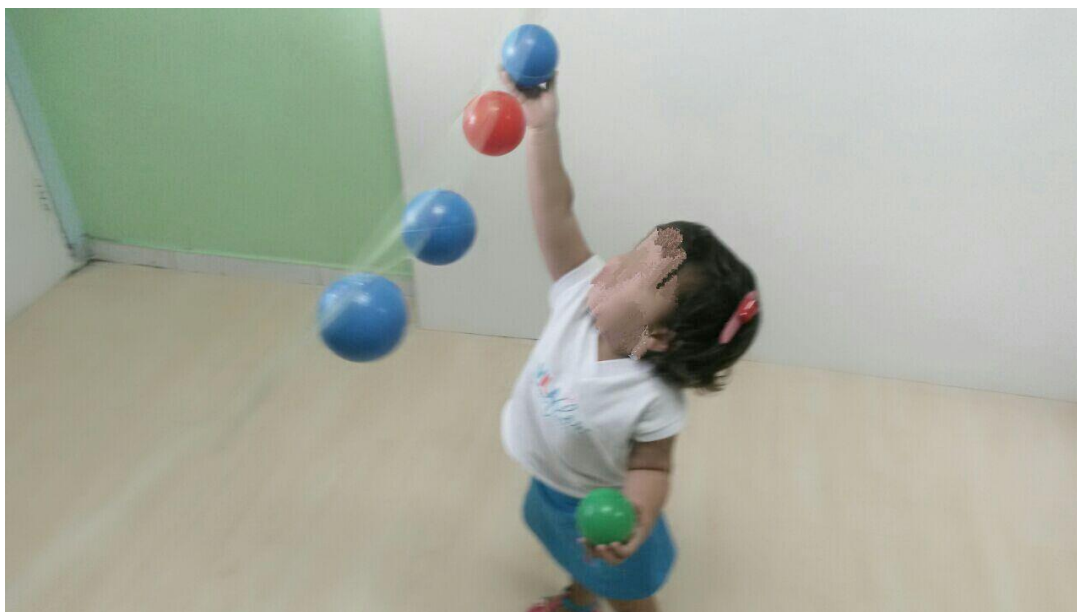
Fonte: Elaborada pela autora

A figura de número 1 representa um cronograma de rotina de uma turma de 2 anos de idade. A construção dessa rotina foi feita por uma equipe multidisciplinar (coordenação pedagógica, psicóloga, psicopedagoga, pedagoga e nutricionista). A rotina sofreu bastantes alterações até chegar a esse resultado devido a ser considerado o ritmo da turma, bem como horários de alimentação, banho e sono.

Existem dois estímulos diários que são executados pela psicopedagoga, no qual antes da própria execução é construído um planejamento e apresentado a Coordenação Pedagógica. Os horários dos estímulos foram cuidadosamente pensados para não coincidir com outras atividades. Os estímulos são distribuídos e nomeados por literatura, linguagem, gastronomia, raciocínio lógico, matemática, natureza e sociedade e educação financeira. Além dos estímulos feitos pela psicopedagoga, são distribuídos na semana três disciplinas extras: inglês, musicalização e psicomotricidade.

Os estímulos direcionados são executados de maneira lúdica. A acolhida é feita diariamente de maneira atrativa e afetiva.

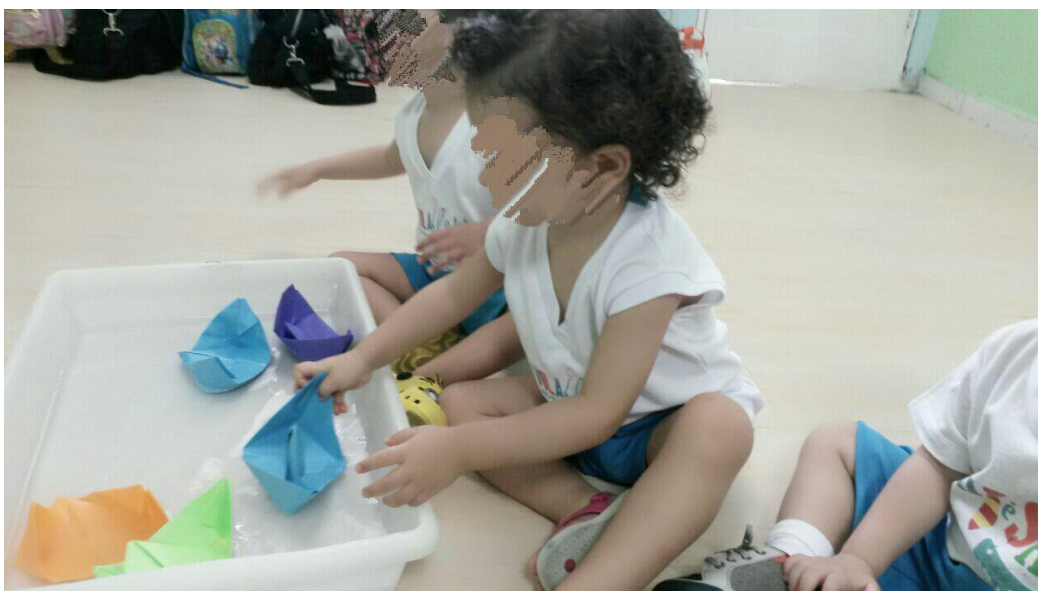
Imagem 2 – Estímulo Motor (2 anos)



Fonte: Elaborada pela autora

A figura 2 ilustra um estímulo motor desenvolvido para crianças de 2 anos. Eram espalhadas bolinhas pelo espaço e as crianças tinham que colar as bolas em um varal de fita adesiva. A atividade tinha como objetivo explorar o equilíbrio, noção de espaço e agilidade.

Figura 3 – Estímulo Cognitivo e Vivencia (2 anos)



Fonte: Elaborada pela autora

A figura de número 3 ilustra um estímulo cognitivo no qual tinha como objetivo vivenciar o meio de transporte barco e compreender a ação do vento com o sopro.

Figura 4 – Estímulo interação social (2 anos)



A figura de número quatro representa um estímulo de interação social. A pintura foi efetuada em dupla e as crianças tinham a autonomia de escolher a cor que queriam colorir.

Essas representações acima são para reforçar a ideia do psicopedagogo como um ser contribuinte ativo na instituição berçário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É natural que ao término de qualquer graduação as pessoas busquem um campo de atuação pelo qual se identifique. Diante do exposto, o estudo teve como colaboração social elencar um campo de atuação tendo em vista que a psicopedagogia é uma ciência que vem conquistando o seu espaço. Como contribuição acadêmica, podemos destacar a importância dos estímulos nos primeiros anos de vida, já como contribuição pessoal é necessário pontuar a experiência vivida em um berçário para o conhecimento dos nuances dessa instituição, bem como seus progressos diante de uma história repleta de negatividade quando se tratava de infância.

O psicopedagogo torna-se aliado como mediador de processos de conhecimento, vendo a criança como um ser ativo no processo de aprendizagem, permitindo que ela explore, vivencie e tenha autonomia. Ainda sobre o desenvolvimento infantil Garton (1992) afirma que a construção do conhecimento tem duas raízes, a biológica e a social, como capacidades pré-definidas e que já nascem com as crianças, quanto as relações sociais e as experiências vivenciadas, que instigam o desenvolvimento das mentes das crianças por meio de estímulos.

É animador ver na prática que algumas instituições já se moldam para educar crianças como crianças. Identificar ludicidade em atividades, rotinas favoráveis, espaços adaptados, profissionais qualificados, multidisciplinaridade, acolhimento e afetividade traz a tona o entusiasmo por uma educação infantil de qualidade desde os primeiros meses de vida.

Por fim ao término desse estudo, é necessário firmar o compromisso com a infância. Os primeiros anos de vidas são cruciais para qualquer ser humano e é pensando nesse futuro, nos próximos adultos, que devemos pensar na criança e para a criança e assim ouvi-las, respeitando suas especificidades.

ABSTRACT

Abstract: This study was based on the interest to explore fields that allow the performance of the professional educational psychologist. Infant Education was the focus due to the factor of the first years of life are extremely important for any individual, it is also necessary to have a sensitive look to this age-range. Given the above the main objective of the study was to: analyze the nursery as a playing field for the educational psychology. The methodology applied was a literature qualitative, in which they explored both electronic materials as books that addressed the issue. The study begins with a brief historical account of early childhood education as well as their progress. The routine of narration in the nursery is essential to understand the nuances of it, as well as a careful adaptation and proposals for incentives to be executed. It is interesting to note the importance of the educational psychologist in the nursery, as a facilitator of knowledge, causing the child to be an actor of its own development, active, explorer and autonomous. Enabling a holistic tuning motor, social, intellectual and emotional.

Keywords: Nursery. Educational Psychology. Routin

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A; WASKOP, G. **Creches**: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.
- ABREU, Shirley Elziane Diniz. **A formação do educador infantil em João Pessoa**: uma análise sobre o período de 1997-2004. João Pessoa, 2005. P. 204. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 8 ed campinas. Papyrus, 2010.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- CAMPOS-DE CARVALHO M. I. **Psicologia Ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil**: Integração possível? NSP, Ribeirão Preto. 1993.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005.
- DEBORTOLI, José Alfredo. As crianças e a brincadeira. In CARVALHO, Alysso ET AL (org). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte EdUFMG, 2002. P.77-88.
- DUARTE, M. P. GULASSA, M. L. C. R. Estágio impulsivo emocional. In MAHONEY, Abigail Alvarenga (Org). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 11 ed. São Paulo: Edições Leyolla, 2012 p.19-29.
- FERNANDES, O. ELALI, G. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças. Paidéia p. 41-52, 2008.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARTON, A. Interação social e desenvolvimento da linguagem e cognição: **ensaios em psicologia do desenvolvimento** – ISSN 0959-3977, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 207 p.

HADDAD, L. **A creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, (2007).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez 2005.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de; MELLO, A M. , VITORIA, T. , et al. **Creches: crianças faz de conta & cia**. Petrópolis, Vozes, 1992.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** São Paulo: José Olympio, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSEMBERG, F. **O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso creche - 1984**. In: ROSEMBERG, F. (Org.). **Creche**. Sao Paulo: Cortez, 1989.

SARMENTO, M. J. Culturas Infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, L. V. (org). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SAMBRANO, T. M. TRINDADE, D. S. TANUS, V. L. A. **Profissionais da Educação Infantil: atuação, concepção e saberes a partir de um processo de formação inicial em serviço**. 2012. Trabalho apresentado no 20 Seminário Educação UFMT, Cuiabá, 2012.

VERÍSSIMO, M. SERPA, F. R. **Função da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo**. Revista Escola Enfermagem USP. 37 ed. São Paulo 2003. P. 24-34.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 1997.

VIGOTSKY, LS, **A formação social da mente.** São Paulo: ed. Martins Fontes, 2010.

WALLON, Henri. **Del acto al pensamiento:** ensayo de psicología comparada. Buenos Aires: Psique, 1978.

.

AGRADECIMENTOS

A Deus por toda força e saúde.

Ao meu pai João por ser meu porto seguro e minha fortaleza.

A minha mãe Lêda pela segurança.

Aos meus irmãos Thiago pela firmeza, Júlio pela admiração e Thalles por me mostrar que o amor pode ser transmitido nos gestos mais simples.

A meu namorado Wanhilton pelo companheirismo.

A minha amiga e irmã Laiana, por acreditar sempre em mim.

A minha Orientadora Norma pela confiança e todos os mestres e professores que passaram pela minha vida.

A VilaFlor Berçário e Escola que me proporcionou toda vivência e experiência.

A minhas amigas de trabalho pelos sorrisos diários.

A minha amiga de universidade Sthéfane pela perseverança.

A todos os amigos que contribuíram direto e indiretamente para essa conquista.

Aos vizinhos e familiares por todo apoio.